

# Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência

Silvia Pereira da Cruz Benetti

Cíntia Gama

Márcia Vitolo

Marina Bohnen da Silva

Aline D'Ávila

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)*

Maria Lucrecia Zavaschi

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

## RESUMO

O impacto da violência no desenvolvimento de crianças e adolescentes tem merecido destaque na área da psicologia. As conseqüências da exposição à violência comunitária – agressões, estupros, assaltos, homicídios e drogas, incluem alterações fisiológicas, psicológicas e de âmbito interpessoal. Este estudo teve como objetivo verificar a prevalência de exposição à violência comunitária e identificar associações com exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei. Uma amostra de 683 adolescentes respondeu ao questionário “Triagem da Exposição de Crianças à Violência na Comunidade”. No total, 616 (90,2%) adolescentes sofreram diretamente e 626 (91,6%) foram expostos a pelo menos um episódio de violência. Adolescentes expostos às drogas e com maior envolvimento com a polícia tiveram maior exposição à violência comunitária. A escola e as relações familiares foram fatores de proteção da violência. Verificou-se, também, a importância de investigações sobre as conseqüências da violência para o desenvolvimento de intervenções clínicas e programas preventivos.

**Palavras-chaves:** Adolescentes; violência comunitária; envolvimento com a lei; drogas.

## ABSTRACT

*Community violence, exposure to illicit drugs and adolescent involvement with the law*

The impact of violence on the development of children and adolescent has been highlighted by the psychological field. The consequences of violence exposure in the community- aggressions, rapes, assaults, homicide and drugs, include alterations in physiological, psychological, and in the interpersonal areas. The objectives of this study were to verify the prevalence of community violence exposure and to identify the associations among illicit drug exposure and involvement with the police. A sample of 683 adolescents answered the questionnaire Community Violence Survey. A total of 616 (90,2%) adolescents directly suffered and 626 (91,6%) were exposed to at least one violent episode. Adolescents exposed to drug and with involvement with the police were more exposed to community violence. School and family relations were protective factors against violence. Also, the importance of investigating the consequences of violence for the development of clinical intervention and preventive programs was verified.

**Key words:** Adolescents; community violence; involvement with the law; drugs.

Nos últimos anos, a exposição à violência destacou-se como um tópico importante de investigação em função do considerável aumento da frequência de atos violentos em geral e da criminalidade em diversas regiões e comunidades. Já em 1993, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 1993) declarou que a

violência, pelo número de vítimas e pelas seqüelas emocionais que produz, adquirira um caráter endêmico e havia se convertido num problema prioritário de saúde. A cada ano, estima-se que 1,6 milhão de pessoas no mundo perde sua vida violentamente, sendo que crianças, adolescentes e mulheres são as maiores víti-

mas de atos violentos (OMS, 2002). Dentre estes grupos vulneráveis, tem merecido destaque o aumento da violência entre os jovens.

Adolescentes masculinos, provenientes de camadas socioeconômicas menos favorecidas e de minorias raciais são as vítimas mais frequentes da violência, constituindo-se num grupo de risco para testemunhar, sofrer e perpetrar atos violentos. Estudos sobre mortalidade e violência na região das Américas destacam o aumento na prevalência de mortes violentas entre jovens, principalmente homicídios e mortes em acidentes de trânsito (UNICEF, 2004; Yunes e Zubarew, 1999). Além dos indicadores da alta frequência de mortes de adolescentes associadas a homicídios e acidentes de trânsito, outra situação importante e grave afetando diretamente essa faixa etária é a da vitimização por exposição à violência comunitária – como agressões, estupros, assaltos, roubos, homicídios, presença de armas e tráfico de drogas.

As manifestações decorrentes da exposição à violência podem se manifestar a curto e longo prazo (Margolin e Gordis, 2004). As investigações sobre as consequências da exposição à violência comunitária indicam que os efeitos da violência nos indivíduos incluem desde alterações fisiológicas e psicológicas até consequências de âmbito interpessoal, tais como a percepção e concepção da moral e justiça, a perspectiva de futuro e desenvolvimento pessoal e estabelecimento de redes e conexões inter-relacionais. Crianças e adolescentes vítimas diretas e indiretas da violência comunitária manifestam primeiramente distúrbios do comportamento, agressividade, distúrbios do humor, e sintomas de Estresse Pós – Traumático, como pesadelos, *flashbacks*, problemas clínicos de saúde e dificuldades escolares relacionadas ao desempenho cognitivo (Rosenthal e Wilson, 2003; McFarland et al., 2003). Em longo prazo, a exposição à violência foi associada a comportamento agressivo na adolescência, envolvimento com drogas e a polícia, depressão (Paxton, Robinson, Shah e Schoeny, 2004), conduta anti-social e envolvimento com a justiça (Chang, Chen e Brownson, 2003). Assim, Kuther e Wallace (2003) identificaram importantes alterações no desenvolvimento moral de adolescentes expostos a situações de violência comunitária crônica. Nestes casos, as concepções de justiça, de honestidade e o papel da polícia foram influenciados por posições agressivas e ineficazes do papel individual e coletivo de solidariedade. Desta forma, os efeitos da violência não se restringem ao âmbito da ameaça à integridade física do indivíduo e interferem em diferentes dimensões de desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Outros estudos destacam o caráter adverso da exposição à violência tanto para aqueles que são *vítimas*

*diretas* de atos de violência, mas também para os indivíduos que testemunham estes atos – *co-vitimização* (Kuther e Wallace, 2003; Osofsky e Scheeringa, 1997; Osofsky, 1995). Portanto, além de afetar diferentes dimensões pessoais, a violência exerce seus efeitos naqueles indivíduos que são expostos indiretamente aos atos de violência. Albus e colaboradores (2001) consideram que ainda são poucos os trabalhos que incluem também os grupos, indivíduos e famílias expostos indiretamente aos atos de violência. Estes trabalhos, porém, já indicam que situações de co-vitimização por violência têm efeitos negativos no desenvolvimento humano, apontando a necessidade de identificação dos grupos de risco, principalmente em contextos de maior índice de violência, para a promoção de estratégias preventivas e de intervenção nas situações de maior vulnerabilidade.

Considerando-se, portanto, a importância do tema no contexto brasileiro e as consequências psicológicas, tanto no âmbito coletivo como individual da violência nas comunidades, é fundamental a realização de pesquisas na área, principalmente identificando as características do problema entre adolescentes e crianças. Assim, este estudo teve como objetivo verificar a prevalência de exposição à violência comunitária, considerando a condição de vítima direta ou indireta (co-vitimização) entre os adolescentes do município de São Leopoldo, localizado na região metropolitana de Porto Alegre, com uma população de 193.403 habitantes (IBGE, 2000). O estudo de dados secundários do SIM (Sistema de Informações de Mortalidade) sobre o padrão de mortalidade de São Leopoldo indicou que, em 1995, 77 % dos óbitos em adolescentes foram relacionados às causas externas (acidentes e violências), a maioria por uso de armas, representando aumento de mais de 50% em um período de 15 anos (Olinto, Costa e Schwengber, 2001).

Além das variáveis demográficas e prevalência de exposição à violência entre os adolescentes, foram investigadas as associações entre violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei. Procurou-se, desta forma, investigar se adolescentes com maior exposições a episódios de violência comunitária também apresentariam uma maior exposição a drogas ilícitas e/ou frequência de envolvimento com lei.

## MÉTODO

### Procedimentos amostrais

Este estudo transversal fez parte de uma investigação maior que teve como objetivo principal avaliar parâmetros nutricionais de uma amostra representativa de adolescentes da cidade de São Leopoldo-RS. O tamanho da amostra foi calculado considerando a

prevalência da variável excesso de peso de 18%, nível de confiança de 95% e poder estatístico de 80%, adicionado de 10% para as possíveis perdas, e 15% para fator de confusão, o que determinou número amostral de 807 adolescentes. A utilização deste critério não interferiu no tamanho da amostra necessária para a investigação sobre exposição à violência, visto que a frequência de exposição apresentou, em estudo similar (Zavaschi et al., 2002), uma percentagem muito mais alta de ocorrência do que a variável nutricional peso cujo valor era 18%. Portanto, a amostra deste estudo apresentou tamanho mais que suficiente para uma adequada representação das ocorrências de violência no grupo investigado. Os critérios utilizados para exclusão foram: adolescentes gestantes ou nutrízes ou mães, adolescentes com deficiência física ou mental; adolescente com patologias crônicas.

O processo amostral se deu por conglomerados, em 3 estágios de seleção: sorteio sistemático de 40 setores censitários, posterior sorteio aleatório das quadras e esquinas pelas quais se iniciaria a coleta e finalmente amostragem sistemática (1 em cada 3) de domicílios. Todos os indivíduos entre 10 e 19 anos morando nestes domicílios foram identificados e convidados a participar do projeto. Inicialmente, foi realizado um estudo piloto com 60 adolescentes em setores não sorteados no processo de amostragem.

### **Instrumento para avaliação de exposição à violência**

Utilizou-se o questionário “Triagem da Exposição de Crianças à Violência na Comunidade” (Richter e Martinez, 1993), com o objetivo de identificar as características de um grupo/população quanto à exposição a situações de violência. (Zavaschi et al., 2002).

Este questionário consiste de 49 questões auto-respondíveis abordando os quatro tipos de violência já mencionados – violência comunitária, familiar, sexual e exposição às drogas, das quais os adolescentes possam ter sido as próprias vítimas da violência (exposição direta), possam ter presenciado como testemunhas, ou possam ter ouvido falar sobre tais situações (exposição indireta) e uma questão aberta para que situações não listadas sejam identificadas. As questões são respondidas por meio de escolha simples, devendo o adolescente marcar verdadeiro ou falso caso tenha ou não sido vítima da situação. Foram feitas também, perguntas referentes à questão demográfica (idade, sexo, composição e estrutura familiar).

**Violência comunitária.** Para o presente estudo foram analisadas as questões referentes à exposição à violência comunitária, definidas como episódios de violência ocorridos no contexto social/ambiental de

inserção do indivíduo, como situações de agressões, assaltos, roubos, homicídios (OMS, 2000). Dentre estes episódios foram avaliadas as situações de Vitimização Direta (VD), Vitimização Grave (VG) e Vitimização Indireta (VI).

– *Vitimização direta.* Ao todo, 12 itens avaliaram esta categoria em termos de *vitimização direta* (VD – o adolescente sofreu diretamente o episódio), ex.: “Eu fui perseguido por gangues ou por crianças mais velhas; Eu estava em casa quando alguém invadiu ou tentou invadir a minha casa/apartamento”.

– *Vitimização Grave.* Cinco itens caracterizavam situações de dano físico pessoal grave, ex.: “Eu fui ameaçado com dano físico grave por alguém, Eu fui atacado ou apunhalado com uma faca, Eu recebi um tiro de revólver”.

– *Vitimização indireta.* Outros 12 itens avaliaram as situações de vitimização indireta (VI – o adolescente testemunhou o episódio), ex.: “Eu vi uma pessoa ser perseguida por gangues ou por crianças mais velhas; Eu vi alguém tentando invadir a casa/apartamento de outra pessoa”.

**Envolvimento com a lei e exposição às drogas ilícitas.** Para investigar envolvimento com a lei utilizou-se o item que avaliava se o jovem já havia tido alguma situação envolvendo um incidente com a polícia, ex.: “Eu fui apanhado, detido ou levado pela polícia”. A exposição às drogas ilícitas foi avaliada através do item *Me ofereceram drogas ilegais para usar, vender ou ajudar a distribuir.*

### **Coleta e análise de dados**

Para a coleta de dados, primeiramente foram agendadas visitas domiciliares com os adolescentes selecionados, por meio de contato telefônico com o responsável dos mesmos. As entrevistas foram marcadas em turnos diurnos, em todos os dias da semana, exceto aos domingos e segundas-feiras, conforme a disponibilidade do adolescente. Estas visitas eram realizadas por duplas de pesquisadores, alunos do curso de Nutrição e Psicologia, devidamente treinados para a aplicação do instrumento utilizado. Inicialmente, eram explicados os objetivos do trabalho e solicitada autorização dos pais e do adolescente para a participação no estudo. As entrevistas eram realizadas somente com o adolescente e todas as dúvidas eram esclarecidas diretamente com o jovem.

Os dados foram analisados utilizando-se o programa estatístico SPSS, versão 10. Para as análises dos dados categóricos foi utilizado o teste Qui-quadrado. Em relação às médias das frequências dos itens foi utilizado o teste t de Student para comparações simples de médias, seguido de Post Hoc Testes, segundo a aná-

lise do Teste de Tukey. Para análises de diferenças de médias entre categorias, utilizou-se do teste ANOVA e do teste Kruskai-Wallis nos casos de variâncias não homogêneas. Também foram feitas correlações de Pearson entre as variáveis.

## RESULTADOS

Do total de 810 adolescentes identificados nos domicílios e elegíveis para o estudo, em 8,6% (n = 70) não houve aceite por parte dos pais ou do adolescente para realizar a entrevista, 1,8% (n = 15) não foram encontrados nos domicílios para a realização da entrevista após três tentativas e em 0,3% (n = 3) houve mudança de endereço. As perdas foram maiores para o sexo masculino, considerando que das recusas, sessenta corresponderam a esse sexo. Foram estudados, então, 722 adolescentes, 40,6% (n = 293) do sexo masculino e 59,4% (n = 429) do sexo feminino da investigação maior das quais 20 (2,7%) não aceitaram responder ao questionário relacionado à exposição à violência. Além disso, dos 702 adolescentes que preencheram o questionário, foram excluídos 19 da análise (2,7%) em função de preenchimento incompleto.

A amostra final constou de 683 adolescentes dos quais 270 (39,5%) eram do sexo masculino e 413 (60,5%) do sexo feminino, com idade média de 14,3 anos (DP = 2,7). Quanto a escolaridade materna, 28% das mães tinham 4 anos ou menos de estudo e 34,4% estudaram por mais de 8 anos. Em relação aos pais, 49% tinham 4 anos ou menos de estudo e 41% mais de 8 anos. O percentual de famílias com renda familiar mensal inferior a 3 salários mínimos foi de 46,6%, enquanto que apenas 13,9% das famílias recebiam mais do que 8 salários mínimos mensais.

Do grupo investigado, 616 (90,2%) relataram ter sofrido pelo menos um episódio de violência comunitária e 626 (91,6%) ter sido expostos indiretamente a pelo menos um episódio de violência (Tabela 2). Portanto, a quase totalidade dos adolescentes investigados reportou envolvimento com algum incidente violento. Assaltos (146, 20,8%) invasões domiciliares (121, 17,2%), perseguição por gangues (113, 16,1%) e ameaças de dano físico (75, 10,7%) foram as ocorrências mais frequentes das situações de *vitimização direta* por violência. Em termos de co-vitimização ou *vitimização indireta*, as ocorrências mais frequentes foram presenciar brigas violentas (387, 55,1%), acidentes graves (347, 49,4%), armas de fogo (344, 49,0%), ver pessoa ser detida pela polícia (407, 58%) e ouvir disparos de tiros na comunidade (481, 68,5%). Destaca-se, ainda, a frequência de 85 (12,1%) adolescentes que testemunharam situações nas quais indivíduos foram mortos por demais.

As características associadas à maior exposição direta e indireta à violência comunitária foram sexo, idade e escolaridade. Adolescentes masculinos foram expostos a uma maior frequência de episódios de violência comunitária direta (VD) e indireta (VI), bem como os adolescentes na faixa etária entre 16 e 20 anos. Os adolescentes que não freqüentavam a escola também tiveram maior vitimização direta (VD) e indireta (VI) do que os demais grupos. Em relação à estrutura familiar, adolescentes que não residiam com nenhum dos pais ou familiares tiveram maior vitimização indireta (VI) do que os demais.

Considerando-se somente os incidentes de violência comunitária grave (VG), 284 (41,6%) adolescentes reportaram pelo menos um episódio envolvendo dano físico como socos, ou ferimento por arma. As características associadas à maior exposição direta grave indicaram que sexo, composição familiar e o número de pessoas estavam associados à VG. Adolescentes masculinos que não residiam com os pais ou familiares (outras relações) sofreram maior número de episódios de violência grave.

TABELA 1  
Frequência de ocorrências de violência comunitária direta e indireta

<i>Violência comunitária</i>	<i>N (%)</i>
Fui perseguido por gangues ou por crianças mais velhas	113 (16,1)
Vi uma pessoa ser perseguida por gangues ou por crianças mais velhas	268 (38,2)
Sofri um acidente grave	84 (12,0)
Vi uma pessoa sofrer um acidente grave	347 (49,4)
Estava em casa quando alguém invadiu/tentou invadir	121 (17,2)
Vi alguém tentando invadir a casa/apartamento de outra pessoa	178 (25,4)
Fui ameaçado com dano físico grave por alguém	75 (10,7)
Vi uma pessoa ser ameaçada com dano físico grave por alguém	228 (32,5)
Recebi tapas/socos/apanhei de alguém não membro da minha família	125 (7,8)
Vi pessoa receber tapas/socos/apanhar de alguém não membro da família	387 (55,1)
Apanhei ou fui assaltado	146 (20,8)
Vi uma pessoa apanhar ou ser assaltada	329 (46,9)
Vi uma pessoa portando ou que possui um revólver ou faca	344 (49,0)
Fui atacado ou apunhalado com uma faca	25 (3,6)
Vi uma pessoa ser atacada ou apunhalada com uma faca	90 (12,8)
Fui gravemente ferido após um incidente de violência	25 (3,6)
Vi uma pessoa gravemente ferida após um incidente de violência	194 (27,6)
Vi ou ouvi um revólver ser disparado enquanto eu estava em casa	481 (68,5)
Recebi um tiro de revólver	9 (1,3)
Vi uma pessoa receber um tiro de revólver	150 (21,4)
Vi uma pessoa cometendo suicídio	67 (9,5)
Vi uma pessoa ser morta por outra pessoa	85 (12,1)
Vi uma pessoa ser apanhada, detida ou levada pela polícia	407 (58,0)

TABELA 2  
Número médio de episódios de violência comunitária de acordo com as características sociodemográficas

Grupo	Violência Comunitária					
	Direta		Indireta		Grave	
	M	Dp	M	Dp	M	Dp
Masculino	3,10*	2,16	4,7*	3,16	0,97	1,40***
Feminino	2,55	1,76	4,07	2,73	0,69	1,09
10-12	2,10	1,81	3,06	2,77	0,69	1,13
13-15	2,97	2,07	4,61	2,85	0,86	1,39
16-20	3,17*	1,77	5,19*	2,77	0,85	1,13
Pai e Mãe	2,70	1,94	4,18	2,95	0,78	1,25
Mãe	2,68	1,65	4,23	2,76	0,56	0,87
Pai	2,25	1,66	4	2,52	0,58	0,79
Pai/Mãe/ companheiro(a)	2,70	1,88	4,43	2,95	0,90	1,12
Outros	3,63	2,53	5,60*	3,01	1,42*	1,70
Até 4	2,67	1,92	4,06	2,73	0,66	1,18
5-7	2,82	1,96	4,62	3,12	0,91	1,24
8 ou mais	3,09	2,09	4,58	3,22	1,21**	1,38
Sim	2,73	1,93	4,27	2,93	0,79	1,22
Não	3,33*	2,30	5,37*	3,68	0,89	1,34

\* p < .02; \*\* p < .001; \*\*\* p < .01

TABELA 3  
Número médio de episódios de violência comunitária em relação ao envolvimento com a polícia e exposição a drogas

Característica	Violência Comunitária					
	Direta		Indireta		Grave	
	M	Dp	M	Dp	M	Dp
Envolvimento/polícia						
Sim (N = 53)	4,83*	3,11	6,74*	3,20	2,13*	2,09
Não (N = 629)	2,59	1,71	4,12	2,81	0,69	1,06
Oferecimento de drogas						
Sim (N = 124)	2,56*	1,98	4,94*	2,69	1,46*	1,46
Não (N = 574)	1,29	1,39	2,97	2,34	0,76	0,97

\* p < .000

TABELA 4  
Correlações entre categorias de violência comunitária e exposição às drogas e envolvimento com a polícia

	Direta	Indireta	Grave	Drogas	Polícia
Direta	1,000				
Indireta	,646*	1,000			
Grave	,771*	,543*	1,000		
Drogas	,323*	,315*	,252*	1,000	
Polícia	,31*	,207*	,339*	,169*	1,000

\* p < .000

Em relação à exposição às drogas ilícitas, 123 (18%) adolescentes indicaram ter recebido oferta para uso próprio, venda ou distribuição de drogas. Comparando-se as médias das ocorrências de exposição às drogas ilícitas em relação à vitimização comunitária direta (VD) indireta (VI) e grave (VG) encontrou-se que o grupo de adolescentes mais expostos às drogas sofreu maior número de ocorrências de episódios de violência nas três categorias investigadas (p.000). Da mesma forma, adolescentes que tiveram envolvimento com a polícia (55, 7,8%) apresentaram uma média significativamente maior (p.000) de exposição às três categorias direta (VD) indireta (VI) e grave (VG) de violência comunitária.

Os resultados encontrados nas correlações entre as três categorias de violência estudadas, envolvimento com a lei e exposição às drogas apresentaram valores significativos (p.000), conforme a tabela abaixo, indicando associação positiva entre todas as variáveis.

## DISCUSSÃO

Os resultados encontrados no presente trabalho indicaram a ocorrência significativa de episódios de violência entre adolescentes do município de São Leopoldo-RS. Em torno de 90% dos adolescentes reportaram terem sido vítimas de pelo menos um episódio de violência direta e/ou indireta. Além disso, metade da amostra sofreu pelo menos um episódio de violência grave, entendido como situações envolvendo dano físico ao adolescente.

Numa das primeiras investigações sobre o tema, Richters e Martinez (1993) identificaram que 32% de um grupo de 165 crianças entre 6 e 10 anos de idade provenientes da região metropolitana de baixa-renda da cidade de Washington-EUA, haviam sido vítimas diretas de alguma forma de violência e que 72% haviam testemunhado algum ato de violência sendo perpetrado contra terceiros. Estes números foram considerados um alerta indicativo da vulnerabilidade de exposição à violência, tendo sido indicado o desenvolvimento de investigações sobre o efeito destas vivências no desenvolvimento das crianças e intervenções nas comunidades e famílias.

Em investigação similar, realizada com adolescentes da rede escolar de Porto Alegre (Zavaschi et al., 2002), foi demonstrado que 96% dos jovens foram expostos a algum tipo de violência comunitária, sendo que 69,9% foram vítimas diretas de algum incidente de violência e 81% testemunharam algum ato violento. Comparando-se estes índices com os resultados do presente trabalho, verifica-se que os adolescentes do município de São Leopoldo apresentaram um número ainda maior de vitimização por atos de violência co-

munitária, tanto direta como indireta. Entretanto, ao se verificarem as situações específicas mais frequentes em Porto Alegre e em São Leopoldo observa-se que foram similares em relação ao tipo de episódio. Vitimização por assaltos, perseguição por gangues, invasões domiciliares e ameaças de dano físico estavam entre as quatro mais frequentes nos casos de *vitimização direta* tanto para os jovens de São Leopoldo como os de Porto Alegre. Da mesma forma, ainda que com frequências distintas, as situações às quais os jovens são mais expostos *indiretamente* – *testemunham* no cotidiano de seu contexto, estavam relacionadas a disparos de armas na comunidade, a presença de armas, a brigas violentas e a presença de acidentes graves.

A análise do perfil associado a maior vitimização por violência refletiu características encontradas em estudos nacionais (Zavaschi et al., 2002; Souza e Assis, 1996) e internacionais (Paxton et al., 2004; Yunes, 1999) que identificam o sexo masculino e o fato de não estudar como fatores de maior risco tanto para vitimização direta e indireta, como para perpetrar atos violentos. Nas situações de co-vitimização observou-se que a variável relativa às relações familiares foi fator importante de proteção. Isto é, os adolescentes que não residiam com os pais foram significativamente mais expostos à violência, sugerindo que a supervisão parental seja um aspecto importante de proteção.

Destaca-se o número expressivo de atos violentos graves envolvendo dano físico ao adolescente, situações que colocam o jovem numa escalada maior de envolvimento com agressões mais severas. Considerando-se somente os incidentes de violência comunitária grave (VG), 284 (41,6%) dos adolescentes reportaram pelo menos um episódio envolvendo dano físico como socos, agressões ou ferimento por arma. A gravidade destes resultados pode ser também dimensionada observando-se os achados de Vermeiren et al. (2002) numa amostra de 1509 adolescentes da Bélgica. No estudo belga foram identificadas associações significativas entre o grupo de adolescentes que mais havia sofrido episódios de violência comunitária e presença de ideação suicida e de automutilação. Ainda que os resultados de Vermeiren et al. sejam específicos ao contexto daquele estudo, apontam a questão de que atos de violência grave têm conseqüências ainda mais complexas no desenvolvimento dos jovens e indicam a necessidade de se compreender e investigar estas dinâmicas nos grupos vulneráveis.

As características associadas à maior exposição direta grave indicaram que sexo, composição familiar e o número de pessoas residindo na família estavam associados à violência grave. Adolescentes masculinos que não residiam com os pais ou familiares (ou-

tras relações) sofreram maior número de episódios de violência grave. A questão familiar também foi identificada como um fator de proteção da violência no estudo de Gorman-Smith, Henry e Tolan (2004). Adolescentes de famílias que apresentavam bom funcionamento em diferentes dimensões das funções parentais envolviam-se com menor frequência em atos violentos do que adolescentes provenientes de famílias mais vulneráveis.

No presente trabalho, as situações de exposição às drogas e de envolvimento com a lei ocorreram com maior frequência no grupo de jovens com maior vitimização por atos de violência comunitária. Esta associação se manteve nos casos dos jovens que mais haviam sofrido violência *diretamente*, haviam *testemunhado* atos violentos e daqueles que mais haviam sofrido atos *graves* de violência (brigas, envolvimento com armas, ferimentos, dentre outros). Numa investigação envolvendo adolescentes de três países, Rússia, Bélgica e EUA, Vermeiren e colaboradores (2003) identificaram maior uso de cigarro, álcool e maconha entre os jovens mais expostos direta e indiretamente à violência comunitária (assaltos, roubos, perseguição por gangues, dano físico, ferimentos por armas). A partir dos resultados, os autores concluem ser possível inferir uma associação geral entre exposição à violência e uso de drogas, ainda que sejam necessárias análises específicas dos determinantes contextuais de cada situação.

Em relação ao envolvimento com a polícia, tanto estudos retrospectivos (Ruchkin et al., 2002) com jovens envolvidos com a lei como investigações transversais de amostragens comunitárias (Gorman-Smith e Tolan, 1998) encontraram associações entre exposição à violência e comportamento agressivo, distúrbio de conduta e delinquência (Paxton et al., 2004). Ainda que se analisem com cautela estas associações, visto que trajetórias delinquentes envolvem processos desenvolvimentais complexos, é importante que se observem os dados encontrados sob a perspectiva que contextos violentos interferem no desenvolvimento de comportamento agressivo que, por sua vez, pode resultar em níveis patológicos. Os resultados deste trabalho apontam nesta direção ao identificarem que os jovens que haviam tido episódios envolvendo a polícia também haviam sido mais frequentemente vitimados diretamente por violência ou haviam sido expostos a atos violentos, principalmente do sexo masculino. Além disto, adolescentes expostos às drogas ilícitas e aqueles com envolvimento com a polícia tiveram maior vitimização por violência comunitária.

Alguns aspectos se destacam na análise dessas situações de violência na vida dos adolescentes relativas às perspectivas de desenvolvimento e clínica. Do

ponto de vista do desenvolvimento psicossocial, observa-se que justamente no momento evolutivo de independização da esfera familiar e de expansão no ambiente social, uma etapa importante na fase da adolescência, o jovem se depara com situações contextuais graves envolvendo a violência. Este fato não se restringe ao jovem vítima direta da violência. A vitimização indireta ou o testemunho de atos violentos também reforça esta situação de vulnerabilidade, principalmente ao se identificarem, como situações cotidianas da comunidade, a presença maciça e disponibilidade de armas, drogas e ocorrências de disparos no ambiente imediato de inserção dos adolescentes. Howard, Feigelman, Cross e Rachuba (2002) numa investigação com 349 jovens entre 9 e 15 anos verificaram que a vitimização por violência comunitária relacionou-se à presença de sentimentos negativos sobre uma perspectiva de futuro feliz ou uma vida de longa duração, além de sentimentos ligados à percepções de não ser amado, cuidado e de medo.

Merece atenção, porém, que a escola e a família emergiram como fatores importantes de proteção da violência. Ainda que os resultados das pesquisas indiquem que a exposição à violência afeta as áreas comportamentais, emocionais, sociais e de saúde no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Margolin e Gordis, 2004), é importante que se procurem identificar os aspectos de proteção dos efeitos da violência sobre o desenvolvimento socioemocional. Vários estudos têm verificado que a relação parental, supervisão, relacionamento familiar, escola e intervenções comunitárias e sociais atuam como fatores de proteção do efeito negativo da exposição à violência. Assim, a necessidade de inclusão dos aspectos que protegem a criança e o adolescente num modelo de análise sobre os efeitos da violência se torna imprescindível para se especificar as áreas de atuação, tanto de futuras pesquisas como de estratégias de intervenção. Este movimento em direção a uma abordagem mais complexa do problema da violência é sumarizado por Salzinger, Feldman, Stockhammer e Hood (2002) por meio da proposta *ecológica-transacional* de compreensão dos efeitos e fatores mediadores e moderadores da violência sobre o desenvolvimento humano e no planejamento de intervenções que incluam desde características individuais até sistemas mais amplos, como a família, a escola e a polícia.

Apesar de o corrente estudo apresentar algumas limitações relativas ao próprio instrumento que permite identificar o contato com drogas e o envolvimento com a polícia, mas não fornece informações sobre as circunstâncias, extensão e gravidade dos eventos, foi possível reconhecer que o efeito da exposição à violência aponta para características sociais e pessoais de

envolvimento com situações de risco. É importante ressaltar também que a maior recusa dos adolescentes do sexo masculino e das famílias de estrato socioeconômico mais privilegiado pode ter influenciado os resultados finais quanto a prevalência dos desfechos de exposição à violência.

Finalmente, as implicações dos resultados encontrados para a prática clínica e para a pesquisa demonstram a necessidade de se investigar o impacto da violência no desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes e de se promover intervenções nos grupos vulneráveis. Estas abordagens devem se dirigir tanto no âmbito individual dos sujeitos como nas esferas familiar, escolar e comunitária. Também são importantes as intervenções nos órgãos policiais e profissões afins que convivem e lidam com as situações cotidianas de violência envolvendo a adolescência, a fim de que possam desenvolver igualmente um trabalho preventivo nas comunidades envolvidas. Somente assim será possível a implantação de programas de saúde preventivos e de impacto terapêutico nos grupos mais expostos e vitimizados por violência, orientados pelo objetivo de desenvolvimento psicológico do sujeito nas áreas sociais, cognitivas e interpessoais, dimensões necessárias para a aquisição de uma identidade baseada em preceitos de autonomia e respeito nas relações humanas.

## REFERÊNCIAS

- Albus, K. E., Reynolds, S. D., Weist, M. D., & Acosta, O. M. (2001). Assessing the status of research on violence related problems among youth. *Journal of Clinical Child Psychology, 30*, 152-160.
- Chang, J. J., Chen, J. J., & Brownson R. C. (2003). The role of repeated victimization in adolescent delinquent behaviors and recidivism. *Journal of Adolescent Health, 32*, 272-280.
- Gorman-Smith, D., & Tolan, P. (1998). The role of exposure to community violence and developmental problems among inner-city youth. *Development & Psychopathology, 10*, 101-116.
- Gorman-Smith, D., Henry, D. B., & Tolan, P. H. (2004). Exposure to community violence and violence perpetration: The protective effects of family functioning. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 33*, 439-449.
- Howard, D. E., Feigelman S., Li X., Cross S., & Rachuba, L. (2002). The relationship among violence victimization, witnessing violence, and youth distress. *Journal of Adolescent Health, 31*, 455-462.
- Kuther, T. L., & Wallace, S. A. (2003). Community violence and socio-moral development: An African American cultural perspective. *American Journal of Orthopsychiatry, 73*, 177-189.
- Margolin, G., & Gordis, E. B. (2004). Children's exposure to violence in the family and community. *Current Directions in Psychological Science, 13*, 152-155.
- McFarland, J. M., Groff J. Y., O'Brien J. A., & Watson K. (2003). Behaviors of children who are exposed and not exposed to intimate partner violence: An analysis of 330 Black, White, and Hispanic children. *Pediatrics, 112*, 202-207.

- Olinto, M. T., Costa, J. S. D., & Schwengber, R. B. (2001). *A saúde em São Leopoldo: Duas décadas de informação*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Organização Mundial da Saúde/World Health Organization. (2002). *Informe mundial sobre la violencia e la salud*. Ginebra.
- Organização Panamericana de Saúde/Pan American Health Organization. (1993). Resolution XIX.
- Osofsky, J. D. (1995). The effects of exposure to violence of young children. *American Psychology*, 50, 782-788.
- Osofsky, J. D., & Scheeringa, M. S. (1997). Community and domestic violence exposure: Effects on development and psychopathology. In D. Cicchetti, S. L., & Toth, *Rochester Symposium on Developmental Psychopathology. Developmental perspectives on trauma: Theory, research, and intervention* (pp. 155-180). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- Paxton, K. C., Robinson, W., Shah, S., & Schoeny, M. E. (2004). Psychological distress for African-American adolescent males: Exposure to community violence and social support as factors. *Child-Psychiatry-and-Human-Development*, 34, 281-295.
- Richters J. E., & Martinez P. (1993). The NIMH community violence project: I. Children as victims of and witnesses to violence. *Psychiatry*, 56, 7-21.
- Ruchkin, V. V., Schwab-Stone, M., Kopolov, R., Vermeiren, R., & Steiner, H. (2002). Violence exposure, posttraumatic stress, and personality in juvenile delinquents. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 41, 322-329.
- Rosenthal, B. S., & Wilson, W. C. (2003). Impact of exposure to community violence and psychological symptoms on college performance among students of color. *Adolescence*, 38, 239-249.
- Salzinger, S., Feldman, R. S., Stockhammer, T., & Hood, J. (2002). An ecological framework for understanding the risk for exposure to community violence and effects of exposure on children and adolescents. *Aggression and Violent Behavior*, 7, 423-451.
- Souza, E. R., & Assis, S. G. (1996). Mortalidade por violência em crianças e adolescentes do Município do Rio de Janeiro. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 45, 85-94.
- UNICEF. (2004). *Relatório da situação da infância e adolescência brasileiras: diversidade e equidade; pela garantia dos direitos de cada criança e adolescente*. Brasília, DF.
- Yunes, J., & Zubarew, T. (1999). Mortalidad por causas violentas en adolescentes y jóvenes: un desafío para la región de las Américas. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2, 102-171.
- Vermeiren, R., Ruchkin, V., Leckman, P. E., Deboutte, D., & Schwab-Stone, M. (2002). Exposure to violence and suicide risk in adolescents: a community study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30, 529-537.
- Vermeiren, R., Schwab-Stone, M., Deboutte D, Leckman P. E., & Ruchkin V. (2003). Violence exposure and substance use in adolescents: Findings from three countries. *Pediatrics*, 111, 535-540.
- Zavaschi, M. L., Benetti, S. P. C., & Polanczyk, G. V. (2002). Adolescents exposed to physical violence in the community: A survey in Brazilian Public Schools. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 12, 327-332.

Recebido em: 05/08/2005. Aceito em: 14/09/2006.

Apoio: CNPq

**Autoras:**

Silvia Pereira da Cruz Benetti – Professora de Psicologia da UNISINOS.  
 Cíntia Gama – Professora de Nutrição da UNISINOS.  
 Márcia Vitolo – Professora de Nutrição da UNISINOS.  
 Marina Bohnen da Silva – Graduanda do Curso de Psicologia da UNISINOS.  
 Aline D'Ávila – Graduanda do Curso de Psicologia da UNISINOS.  
 Maria Lucrecia Zavaschi – Professora de Psiquiatria da UFRGS.

**Endereço para correspondência:**

SILVIA P. C. BENETTI  
 Rua Riveira 150/301  
 CEP 90670-160, Porto Alegre, RS, Brasil  
 E-mail: sbenetti@unisinos.br